

JODI PICOULT

UM MILHÃO DE PEQUENAS COISAS

Tradução de
Cecília Camargo Bartalotti

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS
EDITORA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Diagramação

Beatriz Carvalho

Mayara Kelly

Título original*Small Great Things*

ISBN: 978-85-7686-862-0

Copyright © Jodi Picoult, 2016

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Ballantine Books, selo da Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

Tradução © Verus Editora, 2021

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

P666m

Picoult, Jodi

Um milhão de pequenas coisas [recurso eletrônico] / Jodi Picoult; tradução Cecília Camargo Bartalotti. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Verus, 2021.

recurso digital

Tradução de: Small great things

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-862-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Bartalotti, Cecília Camargo. II.

Título.

21-68767

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

*Para Kevin Ferreira,
cujas ideias e ações fazem do mundo um lugar melhor, e
que me ensinou que somos todos obras em andamento.
Bem-vindo à família.*

SUMÁRIO

FASE 1 | Trabalho de parto latente

Ruth

FASE 1 | Trabalho de parto ativo

Ruth

Turk

Ruth

Kennedy

Turk

Ruth

FASE 1 | Transição

Kennedy

Turk

Ruth

Kennedy

Ruth

Kennedy

Ruth

Turk

Kennedy

Ruth

Kennedy

FASE 2 | Expulsão

Ruth

Turk

Kennedy

Ruth

Turk

Kennedy

Ruth

Kennedy

Ruth

Turk

Kennedy

Ruth

FASE 3 | Pós-parto

Turk

Nota da autora

Agradecimentos

Bibliografia

FASE 1

TRABALHO DE PARTO LATENTE

A justiça não será alcançada até que aqueles que não são afetados se sintam tão indignados como os que são.

— BENJAMIN FRANKLIN

RUTH

O milagre aconteceu na West 74th Street, na casa em que minha mãe trabalhava. Era uma casa grande de pedra circundada por um gradil de ferro forjado. E, vigiando as laterais do portão adornado, havia gárgulas, seu rosto de granito entalhado com a forma dos meus pesadelos. Elas me aterrorizavam, então eu não me importava por termos sempre que entrar pelo menos impressionante portão lateral, cujas chaves minha mãe mantinha presas a uma fita em sua bolsa.

Mamãe trabalhava para Sam Hallowell e sua família desde antes de minha irmã e eu nascermos. O nome talvez não pareça conhecido, mas você saberia quem ele é no momento em que ele abrisse a boca. Ele tinha sido a voz inconfundível que, em meados dos anos 60, anunciava antes de cada programa na televisão: “O programa a seguir é trazido até você em cores na NBC!” Em 1976, quando o milagre aconteceu, ele era o chefe de programação da rede. O som da campainha abaixo das gárgulas eram as famosas três notas que todo mundo associa à NBC. Às vezes, quando ia para o trabalho com minha mãe, eu saía escondida, apertava o botão e cantarolava com as notas.

A razão de estarmos com a mamãe nesse dia era que havia nevado. As aulas tinham sido canceladas, e éramos muito pequenas para ficar sozinhas em casa enquanto a mamãe ia trabalhar — o

que ela nunca deixava de fazer, fosse com neve ou granizo, e provavelmente também com um terremoto ou o Armagedom. Ela murmurava, enquanto nos enrolava em casacos de neve e botas, que não importava se tivesse que atravessar uma nevasca para chegar lá, mas Deus livrasse a sra. Mina de ter que espalhar o creme de amendoim em seu próprio sanduíche. Na verdade, a única vez que me lembro de minha mãe tirar uma folga no trabalho foi vinte e cinco anos depois, quando ela teve que fazer uma cirurgia bilateral de prótese de quadril, generosamente paga pelos Hallowell. Ela ficou em casa por uma semana, e, mesmo depois disso, quando ainda não estava totalmente curada e insistiu em voltar ao trabalho, Mina encontrou tarefas que ela podia fazer sentada. Mas, quando eu era pequena, durante as férias escolares e em crises de febre e dias de neve como aquele, minha mãe nos levava junto no trem B para a cidade.

O sr. Hallowell estava na Califórnia naquela semana, o que acontecia com frequência, por isso a sra. Mina e Christina precisavam ainda mais de minha mãe. Rachel e eu também precisávamos dela, mas acho que sabíamos cuidar melhor de nós mesmas do que a sra. Mina.

Quando finalmente saímos do trem na 72nd Street, o mundo era branco. Não só porque o Central Park parecia estar dentro de um globo de neve. Os rostos dos homens e mulheres que atravessavam a tempestade encolhidos para chegar ao trabalho não se pareciam em nada com o meu, ou com o dos meus primos e vizinhos.

Eu nunca estivera em nenhuma casa em Manhattan sem ser a dos Hallowell, então não sabia como era fora do comum uma única

família, sozinha, morar naquela mansão. Mas me lembro de pensar que não fazia sentido Rachel e eu termos que pôr nossos casacos de neve e nossas botas no armário minúsculo e apertado da cozinha, quando havia muitos ganchos e espaços vagos na entrada principal, onde os casacos de Christina e da sra. Mina ficavam pendurados. Minha mãe guardou seu casaco também, e seu cachecol da sorte — aquele macio que cheirava como ela, e que Rachel e eu brigávamos para usar em casa, porque era como acariciar um porquinho-da-índia ou um coelhinho. Esperei mamãe se mover pelos aposentos escuros como a Sininho, pousando em um interruptor, ou em uma alavanca, ou uma maçaneta, e fazendo o grande animal adormecido que era a casa gradualmente ganhar vida.

— Fiquem quietas, as duas — mamãe nos disse —, que eu faço o chocolate quente da sra. Mina para vocês.

Era importado de Paris e tinha um sabor celestial. Então, enquanto a mamãe amarrava seu avental branco, peguei um pedaço de papel em uma gaveta da cozinha e uma caixa de giz de cera que tinha trazido de casa e comecei a desenhar em silêncio. Fiz uma casa tão grande quanto aquela. Pus uma família dentro: eu, mamãe, Rachel. Tentei desenhar neve, mas não consegui. Os flocos que eu fazia com o giz de cera branco ficavam invisíveis no papel. O único jeito de vê-los era inclinar a folha na direção da luz do lustre, para poder discernir o brilho onde o giz de cera tinha passado.

— A gente pode brincar com a Christina? — Rachel perguntou. Christina tinha seis anos, o que encaixava direitinho entre a minha idade e a de Rachel. O quarto de Christina era o maior que eu já tinha visto, e ela tinha mais brinquedos do que qualquer pessoa que eu conhecia. Quando ela estava em casa e nós íamos para o trabalho

com nossa mãe, brincávamos de escolinha com ela e seus ursinhos de pelúcia, bebíamos água em xícaras de porcelana de verdade em miniatura e fazíamos tranças nos cabelos cor de milho de suas bonecas. A não ser que alguma amiga dela estivesse lá; nesse caso, ficávamos na cozinha desenhando.

Antes que a mamãe pudesse responder, ouvimos um grito tão agudo e tão áspero que me perfurou o peito. Eu soube que a mamãe sentiu o mesmo, porque quase derrubou o bule de água que estava carregando para a pia.

— Fiquem aqui — falou, sua voz já sumindo enquanto corria escada acima.

Rachel foi a primeira a sair da cadeira; ela não costumava seguir instruções. Fui puxada por seu movimento, um balão preso ao seu pulso. Minha mão pairou sobre o corrimão da escada curva, sem tocá-lo.

O quarto da sra. Mina estava com a porta aberta e ela se agitava na cama em meio a um redemoinho de lençóis de seda. Sua barriga redonda se erguia como uma lua; o branco brilhante de seus olhos me fez pensar em cavalos de carrossel, congelados em pleno voo.

— É cedo demais, Lou — ela arfou.

— Diga isso para o bebê — mamãe respondeu. Ela estava segurando o telefone. A sra. Mina agarrava a outra mão dela com muita força. — Pare de empurrar agora — disse ela. — A ambulância vai chegar a qualquer momento.

Eu me perguntei quanto tempo uma ambulância demoraria com toda aquela neve.

— Mamãe?

Foi só ao ouvir a voz de Christina que eu percebi que o barulho a havia acordado. Ela estava parada entre mim e Rachel.

— Vocês três, vão para o quarto da srta. Christina — mamãe mandou, com a voz firme como aço. — *Agora.*

Mas continuamos grudadas no lugar, já que minha mãe se esqueceu rapidamente de nós, perdida em um mundo feito da dor e do medo da sra. Mina, tentando ser o mapa que ela pudesse seguir. Notei os tendões se destacando no pescoço da sra. Mina quando ela gemia; vi mamãe se ajoelhar na cama entre as pernas dela e levantar sua camisola acima dos joelhos. Vi os lábios rosados entre as pernas da sra. Mina se apertarem, incharem e abrirem. Houve a coroa redonda de uma cabeça, uma ponta de ombro, uma golfada de sangue e líquido, e de repente um bebê estava aninhado nas mãos de minha mãe.

— Olhe só para você — disse ela, com o amor escrito no rosto. — Quer dizer que estava com pressa de vir para este mundo?

Duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: a campainha tocou e Christina começou a chorar.

— Ah, minha querida — a sra. Mina murmurou, não mais com medo, mas ainda suada e com o rosto vermelho. Ela estendeu a mão, mas Christina estava aterrorizada demais pelo que tinha visto e, em vez de se aproximar da mãe, se apertou mais contra mim. Rachel, sempre prática, foi atender a porta da frente. Ela voltou com dois paramédicos, que entraram e assumiram o controle, de modo que o que a mamãe tinha feito pela sra. Mina se tornou como tudo o mais que ela fazia para os Hallowell: natural e invisível.

Os Hallowell chamaram o bebê de Louis, em homenagem à minha mãe. Ele estava bem, apesar de quase um mês adiantado,

efeito da queda da pressão atmosférica com a nevasca, que causou uma RPM, ou ruptura prematura de membranas. Claro que eu não sabia disso na época. Só sabia que, em um dia de neve em Manhattan, eu tinha visto o início da vida de alguém. Eu tinha estado com aquele bebê antes que qualquer pessoa ou qualquer coisa neste mundo tivesse uma chance de decepcioná-lo.

A experiência de assistir ao nascimento de Louis afetou cada uma de nós de maneira diferente. Christina teve seu bebê por barriga de aluguel. Rachel teve cinco filhos. E eu me tornei enfermeira obstetra.

Quando conto essa história para as pessoas, elas acham que o milagre a que estou me referindo durante aquela nevasca muito tempo atrás é o nascimento de um bebê. É verdade, aquilo foi espantoso. Mas, naquele dia, eu testemunhei um assombro maior. Enquanto Christina segurava minha mão e a sra. Mina segurava a mão de minha mãe, houve um momento — um batimento cardíaco, uma respiração — em que todas as diferenças de escolaridade e dinheiro e cor de pele evaporaram como miragens no deserto. Em que todos eram iguais, e era apenas uma mulher ajudando outra.

Passei trinta e nove anos esperando para ver esse milagre de novo.

FASE 1

TRABALHO DE PARTO ATIVO

Nem tudo o que se enfrenta pode ser modificado.
Mas nada pode ser modificado até que seja enfrentado.

— JAMES BALDWIN

RUTH

O bebê mais bonito que eu já vi nasceu sem rosto.

Do pescoço para baixo, ele era perfeito: dez dedos nas mãos, dez dedos nos pés, a barriga gordinha. Mas, onde deveria estar a orelha, havia uma torção de lábios e um único dente. Em vez do rosto, havia um redemoinho de pele, sem nenhum traço distintivo.

Sua mãe — minha paciente — era uma gesta 1 para 1 de trinta anos que havia feito pré-natal e um ultrassom, mas o bebê estava posicionado de maneira que não permitira que a deformidade facial fosse visível. A coluna vertebral, o coração, os órgãos pareciam todos bem, portanto ninguém esperava aquilo. Talvez por essa razão, ela escolheu ter o bebê no Mercy West Haven, nosso pequeno hospital local, e não no Yale New Haven, mais bem equipado para emergências. Ela veio com gravidez a termo e passou por dezesseis horas de trabalho de parto antes do nascimento. O médico levantou o bebê e não houve nada além de silêncio. Um silêncio branco e agitado.

— Ele está bem? — a mãe perguntou, entrando em pânico. — Por que ele não está chorando?

Eu tinha uma estudante de enfermagem me acompanhando, e ela gritou.

— Saia — falei, firme, empurrando-a da sala de parto. Depois, peguei o recém-nascido das mãos do obstetra e o coloquei sobre a

mesa térmica para limpar o vérnix de seus membros. O obstetra fez um exame rápido, me olhou em silêncio e se voltou de novo para os pais, que, a essa altura, sabiam que algo estava terrivelmente errado. Com palavras gentis, o médico disse que o filho deles tinha deficiências de nascença sérias e incompatíveis com a vida.

Em uma ala obstétrica, a Morte é uma paciente mais comum do que se imagina. Quando temos anencefalia ou morte fetal, sabemos que os pais ainda têm que viver o vínculo e o luto pelo bebê. Aquele bebê — vivo, pelo tempo que fosse — ainda era filho daquele casal.

Então eu o limpei e o enrolei, como faria com qualquer outro recém-nascido, enquanto a conversa atrás de mim entre os pais e o médico parava e recomeçava, como um carro engasgando no inverno. “Por quê? Como? E se você...? Quanto tempo até...?” Perguntas que ninguém jamais deseja fazer, e ninguém jamais deseja responder.

A mãe ainda estava chorando quando eu ajeitei o bebê na curva do seu braço. As mãozinhas se agitaram no ar. Ela sorriu para o bebê, com o coração nos olhos.

— Ian — sussurrou. — Ian Michael Barnes.

A expressão dela era algo que eu só tinha visto em quadros de museus, um amor e um sofrimento tão intensos que se fundiam para criar uma emoção nova e crua.

Eu me virei para o pai.

— Quer segurar o seu filho?

Ele parecia prestes a vomitar.

— Não posso — murmurou e saiu depressa da sala.

Eu o segui, mas fui interceptada pela enfermeira em treinamento, que estava chateada e nervosa.

— Desculpe — disse ela. — Mas é que... era um *monstro*.

— É um *bebê* — corriji e abri passagem. Alcancei o pai na sala de espera. — Sua esposa e seu filho precisam de você.

— Aquele não é o meu filho — disse ele. — Aquela... coisa...

— Ele não vai ficar neste mundo por muito tempo. O que significa que é melhor você lhe dar agora todo o amor que guardou para a vida inteira. — Esperei até ele me encarar e então dei meia-volta. Não precisei olhar para trás para saber que ele estava me seguindo.

Quando entramos no quarto do hospital, sua esposa ainda estava ninando o bebê, com os lábios pressionados em sua testa lisa. Peguei o pequeno embrulho de seus braços e passei o bebê para o pai. Ele respirou fundo antes de puxar o cobertor do lugar onde o rosto do bebê deveria estar.

Pensei depois sobre as minhas ações. Se eu agi certo forçando o pai a confrontar seu bebê moribundo, se esse era o meu papel como enfermeira. Se a minha supervisora tivesse me perguntado na ocasião, eu teria dito que fui treinada para ajudar pais enlutados a lidar com a dor. Se aquele homem não reconhecesse que algo verdadeiramente horrível havia acontecido — ou, pior, se ele fingisse pelo resto da vida que *nunca* havia acontecido —, um buraco se abriria dentro dele. Bem pequeno no começo, esse fosso ia se desgastar e ficar cada vez maior, até que um dia, quando ele não estivesse esperando, ia se dar conta de que estava totalmente oco.

Quando o pai começou a chorar, os soluços sacudiram seu corpo como um furacão verga uma árvore. Ele se sentou ao lado da

esposa, e ela pôs uma das mãos nas costas do marido e a outra no topo da cabeça do bebê.

Eles se revezaram segurando o filho por dez horas. Essa mãe... ela até tentou fazê-lo mamar. Eu não conseguia parar de olhar. Não porque fosse feio ou errado, mas porque era a coisa mais extraordinária que eu já tinha visto. Era como se eu estivesse olhando para o sol: quando desviava o olhar, me sentia cega para todo o resto.

Em certo momento, eu trouxe aquela estudante de enfermagem desmiolada para o quarto comigo, com a desculpa de checar os sinais vitais da mãe, mas na verdade para que ela visse com os próprios olhos que o amor não depende do que se está vendo, mas de quem está vendo.

Quando o bebê morreu, foi em paz. Fizemos moldes da mão e do pé do recém-nascido para os pais guardarem. Soube que esse mesmo casal voltou dois anos depois e teve uma filha saudável, embora eu não estivesse no plantão quando aconteceu.

Isso é para mostrar que todo bebê nasce lindo.

É o que projetamos neles que os faz feios.

* * *

Logo depois que tive Edison, dezessete anos atrás neste mesmo hospital, eu não estava preocupada com a saúde do meu bebê, ou como ia me virar sozinha com ele enquanto meu marido estivesse no exterior, ou como minha vida ia mudar agora que eu era mãe.

Eu estava preocupada com meu cabelo.

A última coisa em que se pensa quando se está em trabalho de parto é a aparência, mas, quando se é como eu, é a primeira coisa

que passa pela cabeça assim que o bebê vem ao mundo. O suor que faz o cabelo de todas as minhas pacientes brancas grudar na testa fazia, em mim, as raízes se enrolarem e se levantarem do couro cabeludo. Pentear o cabelo em espiral em volta da cabeça, como um sorvete de casquinha, e enrolá-lo em um lenço todas as noites era o que o mantinha em ordem na manhã seguinte quando eu o soltava. Mas o que as enfermeiras brancas não sabiam, ou entendiam, era que o pequeno frasco de xampu fornecido pelo grupo de auxiliares do hospital só ia deixar meu cabelo ainda mais arrepiado. Eu tinha certeza de que, quando minhas bem-intencionadas colegas viessem conhecer Edison, ficariam paralisadas de choque ao ver o pandemônio em cima da minha cabeça.

No fim, terminei enrolando o cabelo em uma toalha e dizendo às visitas que tinha acabado de tomar banho.

Conheço enfermeiros que trabalham nas alas de pacientes cirúrgicos e me contam de homens que saem da cirurgia e insistem em colocar a peruca na sala de recuperação antes de encontrar a esposa. E nem saberia dizer o número de vezes que uma paciente que passou a noite gemendo, gritando e fazendo força para dar à luz com o marido ao lado expulsa o cônjuge da sala depois do parto para que eu possa ajudá-la a vestir uma camisola e um robe bonitos.

Compreendo a necessidade que as pessoas têm de mostrar determinada imagem para o resto do mundo. E é por isso que, quando chego para o meu turno, às 6h40, nem vou para a sala dos funcionários, onde logo mais receberemos da enfermeira-chefe as atualizações sobre o turno da noite. Em vez disso, sigo pelo corredor até a paciente com quem estive ontem, antes que meu turno terminasse. Seu nome é Jessie; é uma mulher miúda que

chegou à ala obstétrica parecendo mais uma primeira-dama em campanha do que uma mulher em trabalho de parto ativo: o cabelo estava perfeitamente penteado, o rosto bem retocado com maquiagem, até as roupas de grávida eram ajustadas e elegantes. Isso era uma pista clara, porque, com quarenta semanas de gravidez, a maioria das futuras mães não se incomodaria de vestir uma barraca de acampamento. Dei uma olhada em seu histórico — G1, agora P1 — e sorri. A última coisa que eu disse para Jessie antes de passá-la para a colega da noite e ir para casa foi que, na próxima vez que a visse, ela teria um bebê e eu teria um novo paciente. Enquanto eu dormia, Jessie teve uma menina saudável de 3,340 quilos.

Abro a porta e encontro Jessie cochilando. O bebê está todo enrolado no bercinho ao lado da cama; o marido dela está esparramado em uma cadeira, roncando. Jessie se mexe quando eu entro, e imediatamente ponho um dedo nos lábios. *Quieta.*

Da minha bolsa, tiro um espelhinho e um batom vermelho.

Parte do trabalho de parto é conversa; ela é a distração que faz a dor diminuir e é a cola que cria o vínculo entre enfermeira e paciente. Em que outra situação um mesmo profissional de saúde passa até doze horas atendendo uma única pessoa? Como resultado, a ligação que construímos com essas mulheres é firme e forte. Fico sabendo coisas sobre elas, em questão de horas, que seus amigos mais próximos às vezes não sabem: que ela conheceu o parceiro em um bar num dia em que havia bebido demais; que seu pai não viveu o suficiente para ver o neto; que ela se preocupa com a ideia de ser mãe agora, porque detestava cuidar de bebês quando era adolescente. Na noite passada, nas horas difíceis do trabalho de

parto de Jessie, quando ela estava chorosa, exausta e começou a ser ríspida com o marido, sugeri que ele fosse até a lanchonete tomar um café. Assim que ele saiu, o ar no quarto ficou mais fácil de respirar e ela se recostou naqueles horríveis travesseiros plásticos que temos na ala obstétrica. “E se o bebê mudar tudo?”, soluçou. Ela confessou que nunca ia a lugar nenhum sem sua “pintura de guerra”, que o marido nunca a tinha visto sem rímel; e agora ele estava vendo seu corpo se contorcer daquele jeito, e como ele poderia voltar a olhá-la do mesmo modo outra vez?

“Escute”, eu disse a ela. “Deixe que *eu* me preocupo com isso.”

Gosto de pensar que eu ter tirado esse pequeno peso das costas dela foi o que lhe deu forças para chegar à fase de transição.

É engraçado. Quando digo às pessoas que sou enfermeira obstetra há mais de vinte anos, elas ficam impressionadas com o fato de eu ter assistido cesarianas, de poder fazer um acesso venoso até dormindo, de saber a diferença entre uma desaceleração na frequência cardíaca que é normal e uma que requer intervenção. Mas, para mim, ser enfermeira obstetra tem a ver com conhecer a paciente e saber do que ela precisa. Uma massagem nas costas. Uma epidural. Um pouco de maquiagem.

Jessie dá uma olhada para o marido, ainda morto para o mundo. Depois, pega o batom da minha mão.

— Obrigada — sussurra, e nossos olhares se conectam. Seguro o espelho enquanto ela, uma vez mais, se reinventa.

Às quintas-feiras, meu turno vai das sete da manhã às sete da noite. Durante o dia no MercyWest Haven, geralmente temos duas enfermeiras na ala obstétrica — três se estivermos com abundância

de recursos humanos naquele dia. Enquanto caminho pelo corredor, observo de passagem quantas das nossas salas de parto estão ocupadas: são três no momento, o que é uma maneira tranquila de começar o dia. Marie, a enfermeira-chefe, já está na sala onde fazemos nossa reunião matinal quando entro, mas Corinne, a enfermeira que divide o turno comigo, ainda não chegou.

— O que vai ser hoje? — Marie pergunta enquanto folheia o jornal da manhã.

— Pneu furado — respondo. Nosso jogo de adivinhação é uma rotina: *Que desculpa Corinne vai usar hoje para o atraso?* É um belo dia de outono em outubro, portanto ela não pode culpar o clima.

— Essa foi na semana passada. Eu vou de gripe.

— Falando nisso, como está a Ella? — A filha de oito anos de Marie pegou a virose estomacal que anda atacando muita gente.

— Voltou para a escola hoje, graças a Deus — responde Marie. — Agora foi o Dave que pegou. Acho que tenho vinte e quatro horas antes de ser a próxima vítima. — Ela levanta os olhos da seção regional do jornal. — Vi o nome do Edison aqui outra vez.

Meu filho entrou na lista de melhores alunos em todos os semestres do ensino médio. Mas, como eu digo a ele, isso não é motivo para se vangloriar.

— Há muitos garotos inteligentes na cidade — desconverso.

— Mesmo assim — diz Marie. — Para um menino como o Edison, ser tão bem-sucedido... Bom, você devia estar orgulhosa, só isso. Espero que a Ella seja tão boa aluna quanto ele.

Um menino como o Edison. Eu sei o que ela está dizendo, mesmo ela tendo o cuidado de não dizer claramente. Não há muitos

meninos negros no colégio, e, até onde eu sei, Edison é o único na lista de melhores alunos. Comentários como esse cortam feito folhas de papel, mas eu trabalho com Marie há mais de dez anos, então tento ignorar a ardência. Sei que ela não teve má intenção ao dizer isso. Ela é uma amiga, afinal. Veio à minha casa com a família para a ceia de Páscoa no ano passado, assim como algumas das outras enfermeiras, e às vezes nós saímos para tomar coquetéis ou ir ao cinema, e uma vez passamos o fim de semana em um spa, só as garotas. Ainda assim, Marie não tem ideia de quantas vezes tenho que respirar fundo e seguir em frente. Pessoas brancas não falam por mal metade das coisas ofensivas que saem de sua boca, então eu tento não me irritar.

— Talvez primeiro seja melhor você esperar que a Ella chegue até o fim do dia na escola sem ter que ir para a enfermaria outra vez — respondo, e Marie ri.

— Tem razão. Uma coisa de cada vez.

Corinne irrompe na sala.

— Desculpem, estou atrasada — diz ela, e Marie e eu nos entreolhamos. Corinne é quinze anos mais nova que eu, e há sempre alguma emergência: um carburador que pifou, uma briga com o namorado, um acidente de trânsito na 95N. Corinne é uma dessas pessoas para quem a vida é apenas o espaço entre as crises. Ela tira o casaco e consegue derrubar um vaso com uma planta que morreu há meses e ninguém se preocupou em substituir.

— Droga — ela murmura, endireitando o vaso e recolocando a terra dentro dele. Limpa as palmas na roupa e se senta com as mãos unidas. — Desculpe mesmo, Marie. Aquela porcaria de pneu que

eu troquei na semana passada está com um vazamento ou algo assim; tive que dirigir até aqui a cinquenta por hora.

Marie enfia a mão no bolso, tira uma nota de um dólar e joga sobre a mesa para mim. Eu rio.

— Então vamos lá — diz Marie. — Relatório do andar. No quarto 2 o bebê está com a mãe. Jessica Myers, G 1 P 1 com quarenta semanas e dois dias. Ela teve parto normal às três da manhã, sem complicações, sem analgesia. A bebê, uma menina, está mamando bem; já fez xixi, cocô ainda não.

— Eu fico com ela — Corinne e eu dizemos em uníssono.

Todos querem uma paciente que já deu à luz; é o trabalho mais fácil.

— Eu fiquei com ela durante o trabalho de parto — comento.

— Certo — diz Marie. — Ruth, ela é sua. — Empurra os óculos de leitura mais para cima no nariz. — No quarto 3 está Thea McVaughn, G 1 P 0, quarenta e uma semanas e três dias, em trabalho de parto ativo e quatro centímetros de dilatação, membranas intactas. Batimentos fetais parecem bons no monitor, o bebê está ativo. Ela pediu uma epidural e está com bólus intravenoso.

— A Anestesia já foi avisada? — pergunta Corinne.

— Sim.

— Eu fico com ela.

Só pegamos uma paciente em trabalho de parto ativo por vez, se possível, o que significa que a terceira paciente, a última naquela manhã, vai ser minha.

— O quarto 5 é uma recuperação. Brittany Bauer, G1 P1 a trinta e nove semanas e um dia, fez epidural e teve parto normal às

cinco e meia da manhã. O bebê é menino e eles querem a circuncisão. A mãe teve DG A1, o bebê está medindo a glicemia a cada três horas por vinte e quatro horas. A mãe quer muito amamentar. Eles ainda estão em contato pele a pele.

Uma recuperação ainda é muito trabalho — uma relação individualizada entre enfermeira e paciente. Sim, o trabalho de parto já passou, mas ainda há coisas a serem feitas, uma avaliação física do recém-nascido e uma papelada para preencher.

— Eu pego — digo e me afasto da mesa para ir procurar Lucille, a enfermeira da noite que esteve com Brittany durante o parto.

Ela me encontra primeiro, na sala de descanso dos funcionários, lavando as mãos.

— Aqui, está com você — diz ela, me entregando o prontuário de Brittany Bauer. — Vinte e seis anos, G 1, agora P 1, parto vaginal hoje às cinco e meia com períneo intacto. Ela é O positivo, imunizada para rubéola, negativo para hepatite B e HIV, GBS negativo. Diabetes gestacional controlada com dieta. Nenhuma outra complicação. Ainda está com o acesso intravenoso no braço esquerdo. Eu retirei a epidural, mas ela ainda não saiu da cama, então pergunte se ela precisa levantar para fazer xixi. O sangramento foi bom. Fundo uterino firme na cicatriz umbilical.

Abro o prontuário e examino as anotações, tentando memorizar os detalhes.

— Davis — leio. — É o bebê?

— É. Os sinais vitais foram normais, mas a glicemia de uma hora estava em quarenta, então estamos incentivando a amamentação. Ele pegou um pouquinho de cada lado, mas está

regurgitando um pouco e sonolento, e não conseguiu se alimentar muito.

— Colírio e vitamina K?

— Sim, e ele fez xixi, mas não cocô. Ainda não fiz o banho e a avaliação neonatal.

— Tudo bem — digo. — Mais alguma coisa?

— O nome do pai é Turk — Lucille responde, hesitante. — Tem alguma coisa meio... esquisita nele.

— Tipo o Pai Tarado? — pergunto. No ano passado, tivemos um pai que ficou flertando com a aluna de enfermagem dentro da sala durante o parto da esposa. Quando a mulher acabou precisando de uma cesariana, em vez de ficar atrás do pano, perto da cabeça da esposa, ele caminhou pela sala e disse para a aluna de enfermagem: “Está quente aqui dentro ou é você?”

— Não desse jeito — diz Lucille. — Ele é adequado com a mãe. É que ele parece... meio sinistro. Não consigo explicar direito.

Sempre achei que, se eu não fosse enfermeira obstetra, seria uma ótima falsa vidente. Somos habilidosas em ler nossas pacientes e saber do que elas precisam momentos antes de elas mesmas se darem conta. E também somos talentosas para sentir vibrações estranhas. Há apenas um mês, meu radar disparou quando uma paciente com problemas psiquiátricos chegou com uma mulher ucraniana mais velha que havia feito amizade com ela na mercearia em que ela trabalhava. Havia algo esquisito na dinâmica entre as duas, e eu segui minha intuição e chamei a polícia. Acabamos descobrindo que a ucraniana havia cumprido pena em Kentucky por roubar o bebê de uma mulher com síndrome de Down.

Então, quando entro no quarto de Brittany Bauer pela primeira vez, não estou preocupada. Estou pensando: *Deixa comigo.*

Bato de leve e abro a porta.

— Eu sou a Ruth — digo. — Vou ser sua enfermeira hoje. — Caminho direto até Brittany e sorrio para o bebê aninhado em seus braços. — Que docinho! Qual é o nome dele? — pergunto, embora eu já saiba. É um jeito de começar a conversa, de me conectar com a paciente.

Brittany não responde. Ela olha para o marido, um sujeito grandalhão sentado na beirada da poltrona. Ele tem cabelo curto em estilo militar e está batendo o salto de uma das botas no chão, como se não conseguisse ficar parado. Percebo o que Lucille viu nele. Turk Bauer me faz pensar em um cabo elétrico que rompeu durante uma tempestade e está estendido na rua, só esperando que alguém toque nele para soltar faíscas.

Não importa se a pessoa é tímida ou recatada, ninguém que acabou de ter um bebê fica em silêncio por muito tempo. As pessoas *querem* compartilhar esse momento tão transformador. Elas *querem* reviver o parto, o nascimento, a beleza de seu bebê. Mas Brittany, bem, é quase como se ela precisasse da permissão dele para falar. *Abuso doméstico?*, eu me pergunto.

— Davis — ela fala rigidamente. — O nome dele é Davis.

— Oi, Davis — murmuro, me aproximando da cama. — Você me dá licença para escutar o coração e os pulmões dele e medir a temperatura?

Os braços dela se apertam em torno do recém-nascido, puxando-o mais para si.

— Eu posso fazer isso aqui mesmo — digo. — Você não precisa soltá-lo.

É preciso ser flexível com uma mãe recente, especialmente uma mãe que soube que seu bebê tem um nível muito baixo de açúcar no sangue. Então eu ponho o termômetro sob a axila de Davis e obtenho um resultado normal. Depois dou uma olhada nos cachos de seu cabelo: uma mecha de cabelo branco pode indicar perda auditiva; um padrão de cor irregular pode sinalizar problemas metabólicos. Pressiono o estetoscópio nas costas do bebê, para ouvir seus pulmões. Deslizo a mão entre ele e sua mãe e escuto o coração.

Wuuush.

É um som tão tênue que acho que foi um engano.

Escuto de novo, para ter certeza de que não foi um acaso, e aquele ligeiro sopro está ali, por trás dos batimentos cardíacos.

Turk se levanta e para ao meu lado; ele cruza os braços.

O nervosismo pode ser diferente nos pais. Eles às vezes se mostram combativos. Como se pudessem expulsar qualquer coisa que esteja errada.

— Eu ouço um sopro muito leve — digo delicadamente. — Mas pode não ser nada. Neste momento ainda há partes do coração que estão se desenvolvendo. Mesmo que *seja* um sopro, pode desaparecer em alguns dias. Só por precaução, vou tomar nota e pedir para a pediatra acompanhar. — Enquanto estou falando, tentando me mostrar tão calma quanto possível, faço outra dosagem glicêmica. É um Accu-Chek, que dá resultado imediato. E dessa vez a leitura é cinquenta e dois. — Mas *esta* é uma boa notícia — informo, tentando dar aos Bauer algo positivo a que se agarrar.

— A glicemia está muito melhor. — Vou até a pia, abro a água quente, encho um recipiente de plástico e o coloco na mesa térmica. — O Davis está se recuperando bem e provavelmente logo vai começar a se alimentar. Que tal eu fazer uma limpeza nele e despertá-lo um pouco, e então nós podemos tentar a amamentação outra vez?

Eu me inclino e pego o bebê. Virando as costas para os pais, coloco Davis na mesa térmica e começo o exame. Escuto Brittany e Turk sussurrarem vigorosamente atrás de mim enquanto checo as fontanelas na cabeça do bebê para conferir as linhas de sutura e verificar se os ossos não estão se sobrepondo. Os pais estão preocupados, e isso é normal. Muitos pacientes não gostam de receber a opinião da enfermeira sobre questões médicas; eles precisam ouvir de um médico para acreditar, embora as enfermeiras obstetras sejam com frequência as primeiras a notar um sinal peculiar ou um sintoma. A pediatra deles é a dra. Atkins; vou chamá-la assim que terminar o exame e pedir que escute o coração do bebê.

Neste momento, porém, minha atenção está em Davis. Examino se há equimoses faciais, hematomas ou formato anormal do crânio. Verifico as pregas palmares em suas mãos pequeninas e a posição das orelhas em relação aos olhos. Meço a circunferência da cabeça e o comprimento do corpo que não para quieto. Vejo se há fendas na boca e nas orelhas. Apalpo as clavículas e ponho o dedo mínimo em sua boca para testar o reflexo de sucção. Estudo o subir e descer dos pequenos pulmões em seu peito, para ter certeza de que a respiração não é difícil. Pressiono a barriga para ver se é macia, verifico os dedos das mãos e dos pés, analiso a pele em busca

de erupções, ou lesões, ou marcas de nascença. Me certifico de que seus testículos tenham descido e vejo se não há hipospadia, conferindo se a uretra está no lugar certo. Depois o viro delicadamente e examino a base da coluna em busca de depressões, tufos de pelos ou algum outro indicador de defeito no tubo neural.

Percebo que os sussurros atrás de mim pararam. Mas, em vez de me tranquilizar, isso parece ameaçador. *O que eles acham que estou fazendo errado?*

Quando o viro de frente outra vez, os olhos de Davis estão começando a se fechar. Os bebês costumam ficar sonolentos algumas horas depois do parto, o que é uma razão para fazer o banho agora: isso o deixará acordado por tempo suficiente para tentar amamentar outra vez. Há uma pilha de toalhinhas na mesa térmica; com movimentos experientes e seguros, mergulho uma delas na água morna e passo no bebê da cabeça aos pés. Depois ponho a fralda, enrolo-o rapidamente em um cobertor como um burrito e lavo seu cabelo sob a torneira com xampu de bebê. A última coisa que faço é pôr nele uma pulseirinha de identificação igual à de seus pais e uma minúscula tornozeleira eletrônica de segurança, que vai disparar um alarme se o bebê chegar perto demais de alguma das saídas do hospital.

Sinto os olhos dos pais fixos nas minhas costas. Eu me viro para eles com um sorriso pregado no rosto.

— Pronto — digo, entregando o bebê de volta para Brittany. — Bem limpinho. Agora vamos ver se ele consegue mamar.

Eu me inclino para ajudar a posicionar o bebê, mas Brittany se retrai.

— Saia de perto dela — diz Turk Bauer. — Quero falar com a sua chefe.

São as primeiras palavras que ele me fala nos vinte minutos que passei no quarto com ele e sua família, e elas carregam um tom de insatisfação. Tenho certeza de que ele não quer falar com Marie sobre o trabalho maravilhoso que fiz. Mas concordo rigidamente com a cabeça e saio do quarto, repassando na mente cada palavra e gesto meu desde que me apresentei a Brittany Bauer. Vou para o balcão da enfermagem e encontro Marie preenchendo um quadro.

— Temos um problema no 5 — digo, tentando manter a voz calma. — O pai quer falar com você.

— O que aconteceu? — Marie pergunta.

— Absolutamente nada — respondo, e sei que é verdade. Sou uma boa enfermeira. Às vezes excelente. Cuidei do bebê da mesma maneira que teria cuidado de qualquer recém-nascido naquela ala. — Eu disse a eles que ouvi o que me pareceu um sopro cardíaco e que ia falar com a pediatra. Dei banho no bebê e fiz os exames.

Mas devo estar sendo bem ruim em esconder meus sentimentos, porque Marie me olha com ar solidário.

— Talvez eles estejam preocupados com o coração do bebê — diz ela.

Estou apenas um passo atrás dela conforme voltamos ao quarto, então posso perceber claramente o alívio no rosto dos pais quando veem Marie.

— Queria falar comigo, sr. Bauer? — pergunta ela.

— Essa enfermeira — diz Turk. — Não quero que ela toque no meu filho outra vez.

Sinto o calor se espalhando do decote do meu uniforme para o couro cabeludo. Ninguém gosta de ser questionado na frente de seu supervisor.

Marie estica o corpo e enrijece a coluna.

— Posso lhe garantir que Ruth é uma das nossas melhores enfermeiras, sr. Bauer. Se houver alguma reclamação formal...

— Não quero ela nem ninguém parecido com ela encostando no meu filho — o pai interrompe e cruza os braços sobre o peito. Ele arregaçou as mangas enquanto eu estava fora do quarto. Do pulso ao cotovelo de um braço ele tem uma tatuagem da bandeira dos Confederados.

Marie para de falar.

Por um momento, eu sinceramente não entendo nada. E então a compreensão me atinge com a força de um soco: o problema deles não está em nada que eu tenha feito.

Está em quem eu sou.

TURK

O primeiro preto que eu vi matou meu irmão mais velho. Eu estava sentado entre meus pais em um tribunal de Vermont, usando uma camisa de colarinho duro que me sufocava, enquanto homens de terno discutiam e apontavam para diagramas de carros e derrapagem de pneus. Eu tinha onze anos, e Tanner, dezesseis. Ele tinha tirado a carta de motorista fazia apenas dois meses. Para comemorar, minha mãe fez um bolo para ele, decorado com uma estrada de gelatina de frutas e um dos meus carrinhos Matchbox velhos. O cara que o matou era de Massachusetts, mais velho que o meu pai. Sua pele era mais escura que a madeira do banco das testemunhas, e os dentes pareciam quase elétricos em contraste. Eu não conseguia parar de olhar.

Os jurados não conseguiram chegar a um veredito — um impasse, eles disseram —, por isso o homem foi liberado. Minha mãe ficou fora de si, gritando e balbuciando sobre seu bebê e justiça. O assassino apertou a mão de seu advogado e, então, se virou e caminhou na nossa direção, de modo que ficamos separados apenas por uma cerca.

— Sra. Bauer — disse ele. — Eu sinto muito pela sua perda.

Como se ele não tivesse nada a ver com aquilo.

Minha mãe parou de soluçar, juntou os lábios e cuspiu.

Brit e eu, a gente esperou tanto por esse momento.

Estou dirigindo com uma das mãos no volante da picape e a outra entre nós sobre o assento inteiriço; ela a aperta cada vez que sente uma contração. É evidente que dói pra caralho, mas Brit só cerra os olhos e o maxilar. Isso não me surpreende — eu já a vi quebrar os dentes de um chicano que bateu no carro dela com um carrinho de supermercado desgovernado na Stop & Shop —, mas acho que ela nunca esteve tão bonita como agora, forte e silenciosa.

Dou umas olhadas rápidas para seu perfil enquanto esperamos no sinal vermelho. Estamos casados há dois anos e ainda não consigo acreditar que Brit é minha. Para começar, ela é a garota mais bonita que eu já vi. Além disso, no Movimento, ela está tão próxima da realeza quanto é possível chegar. Seu cabelo escuro serpenteia em uma trança nas costas; suas faces estão coradas. Está ofegante, respirações curtas, como se estivesse correndo uma maratona. De repente ela se vira, os olhos brilhantes e azuis, como o centro de uma chama.

— Ninguém me disse que ia ser tão difícil — ela arqueja.

Aperto sua mão, o que não é simples, porque ela já está apertando a minha a ponto de fazê-la doer.

— Esse guerreiro — digo a ela — vai ser tão forte quanto a mãe. — Durante anos, me ensinaram que Deus precisa de soldados. Que nós somos os anjos nesta guerra racial, e sem nós o mundo voltaria a ser Sodoma e Gomorra. Francis, o legendário pai de Brit, levantava-se e pregava para todos os novatos a necessidade de aumentarmos nossas fileiras, para podermos combater. Mas, agora que Brit e eu estamos aqui, neste momento, prestes a trazer um bebê ao mundo, me vejo preenchido por partes iguais de triunfo e terror. Porque, por mais que eu tenha me esforçado, este lugar ainda é uma latrina. Meu bebê agora é perfeito. Mas, a partir do instante em que ele chegar, está condenado a se contaminar.